



EDUCAÇÃO DO CAMPO, PROFESSORES CAMPONESES E A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO CAMPO

FRANCISCO ARTUR DA SILVA CONRADO

RESUMO

A educação no/do campo tem como objetivo ajudar no desenvolvimento do espaço geográfico campo. A educação do e no campo é uma educação que se concentra na realidade do meio rural. O objetivo deste estudo é fornecer novas reflexões sobre por que precisamos avaliar a educação do campo, os professores que a ensinam e a realidade dos camponeses. A metodologia é o momento em que uma pessoa escolhe um ou mais métodos analíticos, para realizar uma pesquisa sobre um determinado tema e, desta forma confere rigor científico ao seu trabalho, sendo que o método deste trabalho é a pesquisa bibliográfica. Limitar o espaço geográfico, não reduz o conhecimento das pessoas ou a cultura existente desses lugares limitados. A educação do campo leva em conta a realidade dos agricultores, mas reconhece que é relevante, que os agricultores também tenham conhecimento sobre a cidade, desde que essa aprendizagem, não ultrapasse os conteúdos sobre a realidade camponesa. Quando se trata de cursos voltados para a educação do campo, nem todos os estados os possuem. A modalidade utilizada nos cursos dessa educação é a pedagogia da alternância, porque aborda as realidades dos agricultores. No entanto, a história da educação para o espaço rural tem sido complicada pelas ações dos governos (federal, estadual e local), em considerar as necessidades dos agricultores. As crianças dão os primeiros passos na escola, ao aprenderem adição e leitura, mas por ainda estarem aprendendo, não têm compreensão nem conexão com a realidade. Por fim, o local em que é possível formar profissionais para a educação do campo, são nas institucionais que oferecem cursos voltados para a área, e que assim valorize-se a cultura e história dos camponeses.

Palavras-chave: Curso; Educação Camponesa; Educadores; Valorização; Realidade Camponesa.

1 INTRODUÇÃO

A educação do/no campo é para auxiliar o desenvolvimento no campo. Porém, para que que isso aconteça é necessário, que se faça algumas perguntas: 1) Quais são os espaços específicos para formação da mão de obra para o ensino no campo? 2) Quanto para que o próprio ensino ocorra de forma harmônico e produtivo? 3) Qual a relação entre formação, ensino e os costumes do homem do campo? 4) Por quê o educador do campo precisa enriquecer e valorizar o espaço onde a criança vive? Conforme Molina (2019, 471) “A criação da nova modalidade de licenciatura, a qual se estrutura em instituições de Ensino Superior no Brasil a partir de 2007, é resultado da luta dos movimentos sociais e sindicais”. Ou seja, a conquista de uma educação voltada para a realidade camponesa, não só nas escolas (ensino básico), como nas universidades (ensino superior) parte da luta.

A proposta do estudo é apresentar uma nova reflexão sobre a educação do campo, os educadores dessa educação e o porquê desses valorizarem a realidade dos camponeses, nos conteúdos das aulas. Desta forma, com o intuito de auxiliar os leitores a compreender a importância de cada um no que diz respeito à execução da educação no campo.

O propósito deste estudo é: Abordar sobre a formação dos educadores para a educação

do e no campo, e a valorização do ambiente em que estão inseridos, para o desenvolvimento dos alunos camponeses sobre seu senso crítico, a sua cultura, identidade e história.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia é o momento em que a pessoa escolhe um ou mais métodos de análise, para realizar uma pesquisa sobre um determinado assunto, e desta forma dando um rigor científico ao seu trabalho. E consoante Bardin (1977, p. 37) “É evidente que tudo depende, no momento da escolha dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar”. Foi optado pela revisão bibliográfica, pois a intenção inicialmente era responder duas atividades dissertativas da disciplina **Formação e Práticas Pedagógicas de Educadores do Campo, Indígena e Quilombola**, do curso de Especialização em **Gestão de Educação do Campo, Indígena e Quilombola**, que é ofertada na Faculdade Unileya.

Com Gil (2002, p. 60), “a pesquisa bibliográfica, assim como as outras, inicia-se pelo tema escolhido”, posterior ao tema definido, se pesquisa artigos e outros materiais que possam auxiliar, para desenvolver-se a pesquisa. Assim sendo, é estabelecida a organização do material que contribui para todo o processo e a configuração da pesquisa, o qual começa na fase inicial da análise.

Conforme Bardin (1977), a fase inicial da análise tem a finalidade de organização, mesmo que não composta por atividades estruturadas. No entanto, é nessa etapa que se inicia a estruturação do trabalho a ser realizado. Consoante Conrado (2023, p. 19) “Portanto, organiza-se o material que auxilia em todo o desenvolvimento e a estrutura da pesquisa, que se inicia na fase de pré-análise”. E desta forma pode-se dar início ao desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Pizzani *et al.* (2012, p. 54), “entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico [...]”. Neste caso os trabalhos pesquisados que têm haver, com o(s) objetivo(s) da pesquisa. De acordo com Conrado (2023, p. 19) “Em outros termos, a pesquisa bibliográfica é o momento de levantamento das obras com temas parecidos, para que se realize uma revisão de literatura sobre as teorias que norteiam a atividade”. Como a pesquisa é delimitada, os trabalhos que são procurados para a construção da revisão de literatura terão temas parecidos, mas que são de acordo com as intenções da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação do e no campo trata-se, de uma educação voltada a realidade das pessoas camponesas. Com base no Arroyo *et al.* (2011, p. 141) “A Educação do Campo é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território teórico. Nosso pensamento é defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda a partir de sua realidade [...]”. Ao se delimitar o espaço geográfico, não diminui o conhecimento das pessoas, nem do local delimitado, a Educação do Campo considera a realidade do camponês, mas a mesma sabe que é relevante, que os camponeses também tenham conhecimento sobre a cidade. Porém, este conhecimento relacionado a cidade, não pode ser ou tomar a maior parte da aprendizagem dos camponeses.

Segundo Lopes (2017, p. 113) “Entende-se que a Educação do Campo, pelo próprio sentido literal da palavra, é ou, pelo menos, deve ser originária do próprio lugar, isto é, uma educação proveniente do campo, consolidada no campo”. Desta forma é nítido, que esta modalidade de educação pretende trabalhar com a realidade do povo do campo, e assim a criança camponesa vai aprender com a sua realidade. Pois, ela precisa que seu ambiente seja valorizado, que seja ensinada sendo levado em consideração os seus conhecimentos e o local de sua vivência.

De acordo com Conrado (2023, p. 51) a Educação do Campo é “[...] uma modalidade

de educação de fato voltada para os camponeses, que valoriza a cultura, a memória e o conhecimento do povo do campo”. Desta forma é muito relevante, que para se ter professores formados na área e que assim auxilie os alunos camponeses, para que estes não abandonem o campo. Dessarte, para que estes utilizem o que aprendeu na escola no seu dia a dia e o desenvolvimento do campo.

Os espaços específicos para a formação de obra para o ensino no campo, está nas universidades, nos cursos específicos para a educação no e do campo, como Hage (2014) o Procampo surge a partir da batalha do Movimento da Educação do Campo em prol de uma política de formação inicial exclusiva para educadores do campo, diante da extrema deficiência na formação dos professores que atuam nessa região; e ainda segundo o autor essa política foi requerida particularmente na II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo, de 2004, sendo materializada, a partir do ano de 2007, com a oferta de cursos de Licenciatura em Educação do Campo como um curso de graduação.

Em relação aos cursos que são voltados para a educação do campo, não são todos os estados que possuem o curso. Segundo Paula (2023) as 5 regiões têm estados, que possuem cursos de graduação em Educação do Campo, região Norte: Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins; região Centro-Oeste: Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso do Sul; região Sudeste: Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; região Nordeste: Bahia, Maranhão, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte; região Sul: Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e estes estados são os que estão com o curso de graduação de Licenciatura em Educação do Campo ativo. Portanto, infelizmente não são em todos os estados do Brasil, que tem a formação de profissionais para da educação do campo. Assim, não há formação adequada de educadores para dar aulas no campo, em alguns estados do país, ou seja, parte dos camponeses não têm uma educação, que leve em conta a sua realidade.

A modalidade da Educação do Campo, que é utilizado nesses cursos é a Pedagogia da alternância, pois essa se volta a realidade do camponês, em qualquer lugar não só do Brasil, como do mundo. Deste, que ela se adequa a realidade local, e esse é o diferencial dessa modalidade, já que ela foi desenvolvida justamente para se adequar a realidade no qual está inserida.

Segundo Rodrigues (2020, p. 9) “A Pedagogia da Alternância pode ser caracterizada pela organização do processo de ensino-aprendizagem em espaços diferenciados, mas, sobretudo, são os princípios que demonstram a essência da educação defendida nos CEFFAs”. Assim, a pedagogia da alternância permite o aprendizado do aluno e a relação de conhecimento, do que ele tem casa e a teoria que se aprende na escola.

Mas, a história da educação no campo é sofrida, pois os governos (tanto federal, estadual ou municipal) não leva em consideração as necessidades camponesas. De acordo com Ghedin (2016, p. 17) “Com esse tratamento historicamente aos sujeitos do campo, os protagonistas dos Movimentos Sociais do Campo reconhecem a necessidade de uma Educação do Campo diferenciada superando o modelo da Escola Rural”. Devido ao histórico de comportamento para com os agricultores, os movimentos sociais perceberam que as pessoas rurais estavam a ser educadas contra o seu benefício.

Conforme Rodrigues (2020, p. 6) “A garantia de um ensino condizente com a vida camponesa é busca constante em meio aos movimentos sociais. Nesse aspecto, é evidenciada a necessidade da existência de um currículo que contemple as especificidades camponesas. Assim, a Pedagogia da Alternância emerge como proposta educacional diferenciada e garantida pela legislação”. Os movimentos sociais no Brasil lutaram por uma educação do campo, que seja voltada para a realidade dos camponeses.

Sem um currículo que contemple a realidade camponesa, não existirá um ensino harmonioso e produtivo para os alunos oriundos do campo, seja na escola ou na universidade, no caso das universidades referentes aos seus cursos voltados ao campo, no caso das escolas

referente ao ensino de que os alunos podem mais onde estão, podem construir e produzir com os materiais da realidade do próprio discente. Assim, sobre a última questão entende-se que a relação existente entre a formação, ensino e costumes do homem do campo, se dá por meio de si próprio.

De acordo com Conrado (2023, p. 57) “As pessoas podem ser identificadas também pelos locais que frequentam [...]”. O homem do campo é reconhecido por ser pertencente a este lugar, sendo o fator de ligação, pois ao se formar para exercer uma profissão ou para ampliar o seu aprendizado para poder produzir mais. Ao ensinar para os mais jovens, ele leva em consideração os costumes, que têm naquele local em que vivem. O local em que o homem do campo vive é rico de cultura e espaço para aprendizagem, pois é deste local que ele tira seu sustento, seu ensino, sua forma de viver, seus hábitos e costumes. Desta forma tendo uma identidade própria e diferente do homem da cidade.

A educação do campo, não pode ser somente uma continuação do mesmo currículo das escolas da cidade. De acordo com Lopes (2017, p. 66) “Os currículos das escolas, geralmente, copiam os da cidade e contribuem para negação das identidades e dos sujeitos do campo e no campo”. Ou seja, quando o colégio é localizado no campo, e tem sua grade curricular como o da cidade, este acaba por negar a realidade das crianças, negando-lhes sua identidade, sua realidade e seus conhecimentos. Desta forma, o conhecimento popular deve ser considerado como o embrião do processo educativo, principalmente relacionado à geografia, ao uso do espaço, à ecologia e ao meio ambiente, tentando fazer com que os alunos se percebam como impulsionadores do conhecimento no processo educacional. Quando o professor e a escola valorizam a identidade, o conhecimento, a realidade e a cultura dos seus alunos contribuem, para que estes consigam relacionar o conhecimento adquirido do conteúdo na sala de aula e, do lugar onde vive. Assim, entrelaçando as aprendizagens/os conhecimentos que os alunos tem com o que eles adquirem ao longo de seus estudos.

Conforme Kolling *et al.* (2002, p. 67) “Quando pensamos o mundo a partir de um lugar onde não vivemos, idealizamos um mundo [...] Isso acontece com a população do campo quando pensa o mundo [...] o seu próprio lugar a partir da cidade. Esse modo de pensar idealizados leva ao estranhamento de si mesmo o que dificulta muito a construção da identidade, condição fundamental da formação cultural”. Como a educação existente no campo é para que as crianças saiam de lá, em suas cabeças a o estranhamento com o local em que vivem, pois acreditam que não pode sobreviver dos recursos produzidos no campo, que na cidade há uma vida melhor. A educação auxilia as crianças a se identificarem com o local em que moram ou não, isto vai depender do ensino que recebem.

As crianças dão seus primeiros passos na escola, ao aprender a somar e ler, mas não compreendem e nem relacionam com a sua realidade, já que ainda estão aprendendo. Elas ainda estão ganhando algum senso sobre o que fazer, o que não fazer, suas atitudes, sua vida, realidade, cultura.

A educação no colégio faz parte desse momento, ensinando a contar, a fazer cálculos, a ler e entender as palavras, e conforme progride amplia esse conhecimento. Porém se o ensino, que estiverem recebendo for um que não valoriza a sua realidade, eles terão dificuldades e não vão se sentir a vontade de aprender os conteúdos.

4 CONCLUSÃO

O espaço de formação de mão de obra para educação se dá nas universidades e faculdades, sejam públicas ou privadas. Em relação ao local de uma formação específica para a Educação do Campo não seria diferente da Educação Urbana, sendo assim a diferença mais evidente é os locais em que essas educações são inseridas.

É relevante que na formação dos educadores da educação do campo, que estes tenham contato com o campo e com a sua cultura camponesa, nas atividades desenvolvidas ao longo

do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que graça aos programas do governo Federal passou a existir este novo curso de graduação para os povos campestre.

Desta forma, que as crianças campestres passem a ter uma educação que valorize seu espaço, sua cultura, sua identidade e seus conhecimentos. E assim aconteça, uma educação do campo de forma harmoniosa e produtiva para o povo camponês.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. (Orgs.) *et al.* **Por Uma Educação Do Campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Luís Antero Reto (Org.); Augusto Pinheiro (Org.). São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.

CONRADO, F.A.S. **Contribuições da disciplina de sociologia na formação da identidade dos alunos do ensino médio da Escola Estadual Tereza Teodoro de Oliveira, no município de Caroebe - RR**. 2023. 92 f. Monografia (graduação) - Departamento do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2023.

GHEDIN, E. (Org.). **Fundamentos Filosóficos à educação do campo**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAGE, Salomão Mufarrej. Movimentos sociais do campo e educação: referências para análise de políticas públicas de educação superior. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 1, p.133-150, 2014. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1018>. Acesso em: 25 jan. 2024

KOLLING, E. J. (Org.) *et al.* **Educação do Campo: Identidades e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

LOPES, S. L. (Org.). **Diálogos e experiências sobre a educação do campo**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

MOLINA, R.S. História da Educação Agrícola no Brasil: educação do campo versus ruralista¹. **Revista de Educação PUC-Campinas**, vol. 24, núm. 3, p.463-476. set. Dez., 2019.

Rodrigues, A.C.L. **Conhecendo a pedagogia da alternância**. Revisão de Odaléia Alves da Costa e de Fábio Freire de Oliveira. - São Luís, 2020. 30 p. Produto Educacional de Dissertação – Pedagogia da alternância e saberes docentes. (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus São Luís Monte Castelo, 2020.

PAULA, H. V. C. A Licenciatura em Educação do Campo no Brasil: levantamento do observatório da institucionalização da Licenciatura em Educação do Campo. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 240–256, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/67544> Acesso em: 25 jan. 2024.

PIZZANI, L. *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI:
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p.
53–66, jul./dez. 2012.